EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA: O CONCEITO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

KALID ALI ALI

Resumo: A educação física inclusiva refere-se a práticas e abordagens na educação física que visam integrar e atender às necessidades de todos os alunos, independente de suas habilidades ou deficiência. O conceito de inclusão na educação física envolve adaptar atividades, ambientes e estratégia para garantir que todos os alunos possam participar e se beneficiar das aulas. A ideia é garantir que todos os alunos possam participar ativamente das atividades físicas, promovendo não apenas o desenvolvimento físico, mas também social e emocional. A formação e as vivencias que os professores de educação física têm ao longo da vida, influenciam diretamente a sua concepção sobre alguns termos, exemplo, a ideia de inclusão. Esse entendimento sobre o termo influencia diretamente o modo como o professor de educação física conduz a sua aula. Se esse termo não estiver esclarecido para o profissional e acontecer uma confusão, com o termo integração, o aluno será o maior prejudicado. O presente estudo procurou investigar o conceito que 10 (dez) professores de educação física, da rede regular, do ensino fundamental tem sobre educação física inclusiva.

Palavras-chaves: Educação. Educação física inclusiva. Conceito. Professores de Educação física

Introdução

O ponto principal sobre a inclusão, é que de fato, todos os seres humanos têm suas limitações, somos todos diferentes. (Gimenez, 2015) Entendendo e respeitando essas diferenças, seriamos capaz de uma educação mais inclusiva.

Entretanto, essas modificações para a inclusão na sociedade

é algo que leva muito tempo, dedicação e conhecimento para todos, uma vez que a falta de informação pode ser fator determinante na exclusão de pessoas. Essa nova visão de sociedade inclusiva teve início somente nos anos 80 e só ganhou verdadeira força somente nos anos 90, porém ainda hoje a exclusão é uma realidade e só pode deixar de ser por um novo modelo de sociedade, que exigira várias mudanças em toda sua infraestrutura, adaptações dos espaços assim como no meio de transporte e a principal mudança e a mudança na mentalidade de todos os cidadãos para que compreendam as pessoas com necessidades especiais. (Sassaki, 1992 p.42)

Podemos dizer então que:

"Conceitua-se a Inclusão Social como processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas e a sociedade buscam, em parcerias, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos." (Sassaki, 1997 p.3).

Ou seja, a inclusão social é a mudança tanto da sociedade como das pessoas com necessidades especiais, para que possam trabalhar juntos fortalecendo a cidadania e garantir os direitos de todos, com iguais oportunidades, responsabilidade e deveres.

Já a integração foi uma prática social muito difundida na década de 50 até a década de 80, onde as pessoas com deficiência eram tratadas como objetos de caridade e não podiam opinar em assuntos referentes a sua própria vida. Muitas atividades propostas para essas pessoas, como atividades físicas, desportivas e alguns trabalhos eram raros e algo momentâneo que não impactavam suas vidas e não os colocava como participantes da cidadania. (Sassaki, 1999 p.6)

Enquanto a inclusão é uma prática social que começo a ser desenvolvida somente na década de 90, quando um grupo de pessoas com deficiência aprovaram a "Declaração de Vancouver" em 1992, o que podemos considerar como o primeiro ato de inclusão e cidadania realmente efetivo. (Sassaki, 1999 p.7)

Concordamos com Sassaki, sobre a definição de que a

"Educação Inclusiva significa provisão de oportunidades equitativas a todos os estudantes, incluindo aqueles com deficiências severas,

para que eles recebam serviços eficazes, com os necessários serviços suplementares de auxílios e apoios, em classes adequadas à idade, em escolas da vizinhança, a fim de prepará-los para uma vida produtiva como membros plenos da sociedade" (1999 p.174).0
Entende - se que a educação tem que de ser de igual para todos, independente de suas limitações, com os atendimentos necessários a fim de preparar todos para a vida em sociedade e sua entrada no mercado de trabalho.
Essa visão é reforçada por Carvalho, (1988)
"Podemos dizer que na escola o conceito é que todos, independente de suas necessidades, sejam físicas ou cognitivas, em qualquer escola denominada comum e regular, devem prestar o serviço de forma pedagógica e que atenda a todos indiscriminadamente."

Por fazer parte do currículo da escola ajudando o aluno nos aspectos físico, social e psicológico, além de ser uma disciplina flexível nos seus conteúdos, a educação física tem um grande diferencial se comparados as outras disciplinas, por isso é vista como uma matéria diferenciada e com vantagens para a inclusão (Rodrigues 2003 e Martins 2014)
Porém Daolio (2014) diz que:
"Estar realmente incluso nas aulas de educação física é se apropriar do conhecimento da área e poder elaborar questões mais complexas relacionadas ao corpo e ao movimento."
Entende - se que, para estar incluso, não basta fazer a atividade, muitas vezes sem nem saber o porquê está fazendo, mas ao realizar a atividade ter a oportunidade de obter o conhecimento e estabelecer várias relações que pode ir de encontro com outras matérias até situações de seu cotidiano.
Entretanto autores ao classificar inclusão assumem o conceito do ponto de vista mais generalista e pode gerar uma confusão sobre o conceito de integração e inclusão, e que obviamente discordamos é utilizado pelo Seabra (2006), que simplifica a inclusão:
"Como sendo a efetiva participação e a superação de obstáculos de pessoas com necessidades especiais."
Logo o autor conceitua estar incluso visando simplesmente os aspectos motores e não leva em consideração o aluno como um todo e todas as possibilidades que a educação física possa ajudar no seu desenvolvimento.
Contudo, com o modelo atual antiquado, a necessidade de se criar um modo de educação física escolar, tirando o foco da competição, que muitas vezes e levada de forma exagerada, que é a base para a exclusão e focar em uma pedagogia cooperativa, possibilitando a participação de todos, independente de suas limitações, e auxiliando os alunos a superarem suas dificuldades e a desenvolver suas habilidades.
No entanto uma possibilidade para trabalhar a inclusão são os jogos cooperativos, vistos como um estímulo
para o convívio em sociedade e a autoestima, seria a pedagogia ideal para a Educação Física pode ser visto como a melhor forma para a participação de todos os alunos independente de sua necessidade. (Souza, 2011 p.17)
Em meio desse processo e de tantas dificuldades a educação física pode de forma mais ampla contribuir:
"...significativamente para o processo de inclusão escolar, uma vez que é uma disciplina socializadora e capaz de melhorar padrões de movimentos motores e psicomotores dos alunos." (Souza, 2011 p.6).
Diante de tantas dificuldades enfrentados, pela educação física inclusiva, o papel do professor passa por um grande problema, por não se sentirem prontos e capacitados para atender adequadamente os alunos com necessidades (Pletsch 2009)
As visões de inclusão dos professores de educação física podem ser muito diferentes, porém:
Os professores, mesmo não tendo domínio da concepção de inclusão e/ou não buscando maneiras para que a mesma aconteça efetivamente em suas aulas, consideram importante a participação de alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de educação física escolar e se mostram simpáticos ao processo de inclusão educacional. (Souza e Boato, 2001).
Ainda assim não só entender o conceito ou buscar a compreensão, mas é necessário que o professor queira mudar a sua visão e sua metodologia de ensino e entender que para a inclusão é importante conhecer as características e possibilidades dessa criança com necessidade especial (Silvia e Brotherhood, 2009 p.3)

Vale ressaltar alguns pontos importantes na prática da inclusão, como por exemplo, modificar jogos e exercícios para torná-los acessíveis a alunos com diferentes habilidades físicas, implementar recursos que ajudem na participação de alunos com necessidades especiais, construir um ambiente de respeito mútuo e compreensão entre os alunos e capacitar professores para identificar e responder ás necessidades individuais dos alunos. Porém a visão do professor afeta sua relação e trabalho com pessoas com necessidades especiais, e isso afeta o indivíduo que como todas os outros, tem sonhos, vontades e desejos é necessário compreender a inclusão, conhecer o indivíduo e basear o ensino da educação física em sua independência tanto pessoal quanto social e sua própria sobrevivência. (Figueira, 2011 p.80)
O presente estudo buscou analisar o conceito de 10 (dez) professores de educação física da rede publica do ensino fundamental, sobre educação inclusiva, através de um questionário aberto com oito questões.

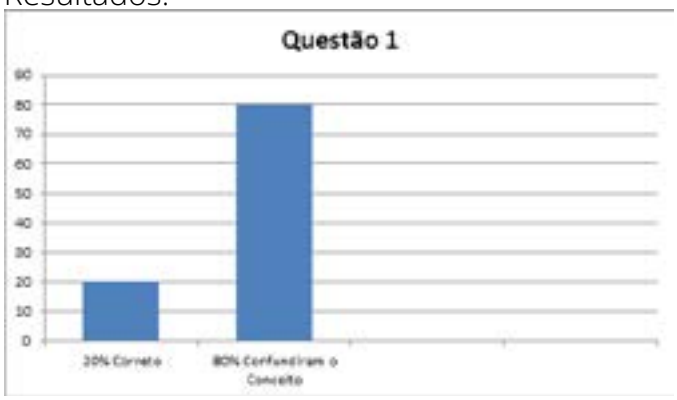
Metodologia
O presente estudo de natureza qualitativa e descritiva, tem a intenção de investigar o conceito de inclusão de 10 professores da rede pública do ensino fundamental e verificar se existe uma confusão entre os conceitos de inclusão é integração. Através dessa abordagem procurou – se analisar e interpretar as opiniões dos professores de educação física e confrontar com a literatura apresentada neste artigo.

Sujeitos
Participará desse estudo 10 (dez) professores de educação física da rede pública do ensino fundamental, com idade entre 00 e 00 e formados entre os anos de 1900 e 1900.
A escolha pela rede pública e pelo ensino fundamental foi feita por ter fácil acesso, uma vez que no ensino infantil e no ensino médio muitas vezes não possuem aulas de educação física ou as aulas são realizadas fora do horário de aula.

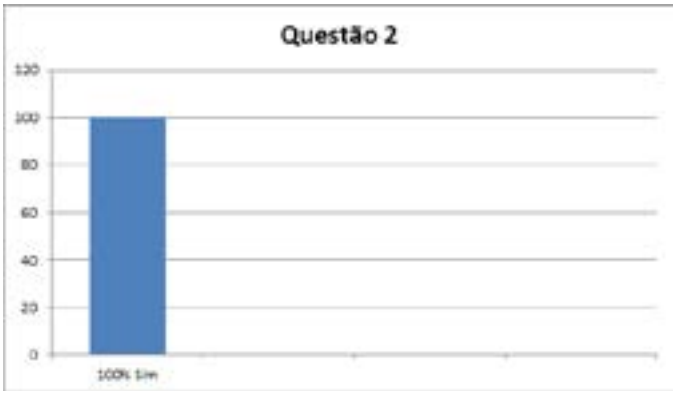
Material
Foi utilizado um questionário aberto, com 8 (oito) questões, abordando assuntos sobre inclusão, integração e metodologia utilizada para a inclusão. O questionário reflete a representação dos conceitos do professor e confronto o conhecimento do mesmo.

Procedimento
Uma vez selecionadas as escolas, entramos em contato com a diretora, para informar os objetivos dos estudos e solicitar autorização para a coleta de dados junto aos professores e agendar as datas para a realização do trabalho.
Os questionários foram aplicados na escola onde cada professor trabalha, na sala dos professores e foram respondidas na frente dos pesquisadores, para maior veracidade nas respostas.
Junto ao questionário, foi entregue separadamente uma folha de respostas e não houve tempo mínimo/máximo para responder o questionário.
Análise de dados:
Ao final todos os questionários foram organizados, analisados e interpretados. A análise das respostas foi feita a partir dos resultados obtidos e comparados com a literatura e foi colocado em gráfico através de porcentagem

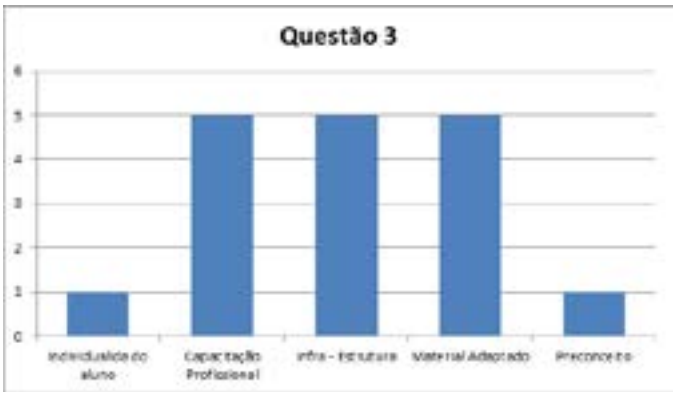
Resultados:



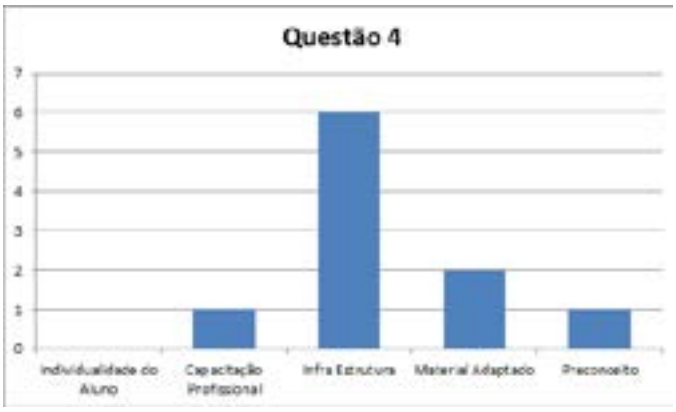
Somente dois de dez professores definiram conceito de forma correta de acordo com a literatura adotada por este trabalho, os outros oito professores conceituaram de forma pobre um conceito utilizado por Seabra (2006)



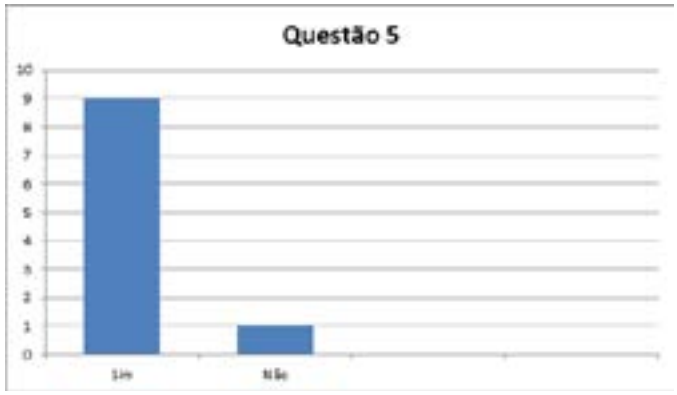
Dez dos dez professores responderam que existe diferença entre inclusão e integração, porém nenhum professor entrevistado conseguiu explicar a diferença.



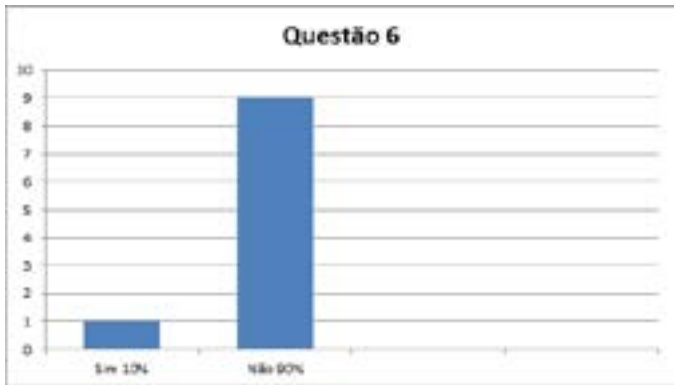
Entre os obstáculos, em primeiro lugar aparece empatados capacitação profissional, infraestrutura e material adaptado com 29.41% cada. A individualidade do aluno e o preconceito foi apontado em 5.88% cada.



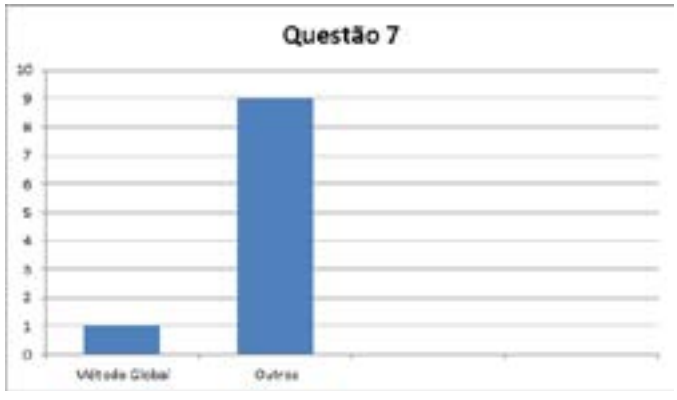
Entre qual é o maior obstáculo enfrentado pelos professores, seis de dez professores apontaram a infraestrutura. Nenhum professor colocou a questão de individualidades como maior obstáculo.



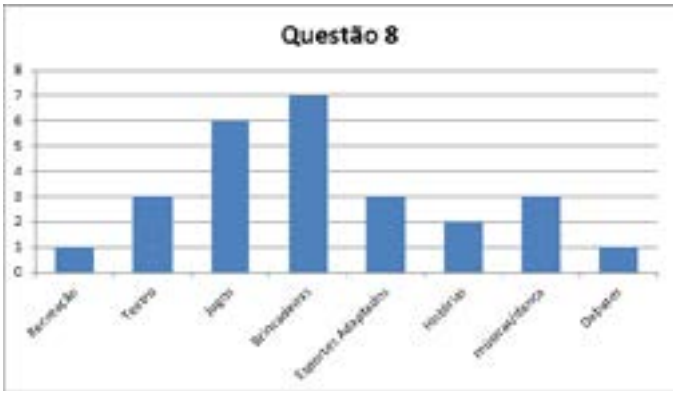
Sobre os professores entrevistados, nove de dez tiveram um curso/matéria para capacitação, mas julgaram insuficientes. Um dos dez professores entrevistados não teve nenhuma capacitação e não procurou fora de sua instituição de ensino superior.



Sobre a reunião do corpo docente para debates sobre inclusão, métodos e desenvolvimento das aulas nove de dez professores apontaram que não acontecem nas instituições que trabalham.



Sobre os métodos conversados em reunião com o corpo pedagógico um de dez professores apontaram o Método Global utilizado. Nove de dez professores responderam provavelmente métodos que poderiam ser discutidos.



Entre as atividades utilizadas para a inclusão, as brincadeiras são as mais citadas com 26,92%, os jogos aparecem em seguida com 23.07% e em terceiro lugar aparecem o teatro, os esportes adaptados e a dança com 11.53% cada.

Discussão

Este trabalho entende inclusão como a possibilidade de se apropriar do conhecimento e formar questões mais complexas sobre o corpo e movimento. Conceito que vem da cultura corporal, que já tem um viés para a inclusão, ajuda o aluno a fazer relações sobre o conhecimento de diversas áreas e relações com seu cotidiano.

Apesar do conceito utilizado por Seabra (2006) que simplifica a inclusão como participação, parece vir de acordo com Pedrinelli (1994)

" todo o programa deve conter desafio a todos, permitindo a participação de todos, respeitar as suas limitações, promover autonomia e enfatizar o potencial no domínio motor"

Posto que a visão de uma educação física voltada só para o desenvolvimento motor nós remete aos anos 50 ou 60, uma educação que só leva em consideração o corpo, não podemos esquecer das várias oportunidades que o aluno pode aprender com o corpo e o movimento, trabalhar não só o domínio motor, mas o cognitivo, afetivo e o social.

Apesar disso a linha de pensamento apareceu em oito dos dez professores entrevista, elas mostram que a participação das atividades é o bastante para estar incluso nas aulas de educação física e todos mostraram uma certa confusão ao tentarem diferenciar a inclusão da integração.

No entanto a necessidade de uma compreensão sobre o conceito de inclusão vai de encontro com sua estreita relação com os alunos, se não dominar esse conceito, como trabalhar com algo que não conhece? Se não conhecer o seu aluno, sua deficiência e sua cultura, como basear o ensino para esse aluno? A ideia de garantir um direito de todos indiscriminadamente, vai muito além de querer, o conhecimento é a base para um trabalho pedagógico que afete a todos.

Todavia outro ponto que chama muito a atenção, e quando são questionados sobre o os obstáculos enfrentados na inclusão nas aulas de educação física, são apontados a falta de infraestrutura, de material adaptado e a própria formação do professor, dentre os três a infraestrutura é apontada como o maior obstáculo de todos.

A falta de infraestrutura e material, parece limitar os conteúdos trabalhados nas aulas de educação física, Kunz (1991) diz que:

"Nas escolas temos quadras, mas não salões de dança, por exemplo; os próprios professores acabam não sabendo fazer outra coisa a não ser utilizar as instalações esportivas."

Provavelmente o professor só enxerga a quadra como um lugar para o desporto, não vê a possibilidades de transformar aquele espaço para outras práticas e a falta de rampas, como por exemplo, pode ser uma possibilidade de ensino para a pessoa cadeirante, ajudando-o a dominar melhor a cadeira de rodas e superar seus obstáculos diários, garantindo assim autonomia.

Como também Betti (1999) diz que, isso pode acorrer também por falta de afinidade com outros conteúdos ou:

"Por acreditarem que a escola não possui nem espaço. nem material apropriado, ou ainda por acharem que os alunos não gostariam de aprender outros conteúdos."

Assim vemos que o conhecimento é necessário para um ensino de qualidade para todos, as atividades propostas são essenciais para o desenvolvimento das aulas. O contexto da atividade pode dizer se vale a pena ser trabalhado ou não.

Portanto Brotto(2011) diz que:

"os jogos cooperativos são atividades em que o principal objetivo são superar os desafios juntos e não competir contra o outro."

Entre todas as possibilidades, nenhum professor citou os jogos cooperativos como uma atividade para a inclusão, visando que os

jogos cooperativos não têm como base o fato de ganhar ou perder, o que tira a competição de foco e promove atitudes de comunicação e cooperação
Por isso os jogos cooperativos que são vistos como um estímulo para o convívio em sociedade e a autoestima, seria a pedagogia ideal para a Educação Física pode ser visto como a melhor forma para a participação de todos os alunos independente de sua necessidade. (Souza, 2011 p.17)
Já que o jogo cooperativo pode desenvolver características de respeito e confiança, que são indispensáveis para uma educação inclusiva solidaria e prazeroso.
O fato de nenhum professor ter citado os jogos cooperativos, mostra a necessidade de buscar outros meios, além dos convencionais, para pleno desenvolvimentos das pessoas com necessidades especiais e suas relações com os demais.
A instituição de ensino superior é vista como um ponta pé inicial para a formação de professores de educação física, mas a falta de uma formação especializada para trabalhar com pessoas com necessidades especiais é algo que se tem colocado muito em discussão.
Sant'Ana (2005) aponta que:
"A formação deficitária traz sérias consequências à efetivação do princípio inclusivo, pois este pressupõe custos e rearranjos posteriores que poderiam ser evitados."
As pessoas com necessidades especiais, são as mais prejudicadas com essa formação deficitária, que futuramente precisaram de outras intervenções para tentar recuperar algum dano, caso não seja irreversível.
Esse ponto em específico mostra a necessidade de estudos para saber se realmente a formação deficitária é um problema na área ou se esse fator seria apontado como desinteresse do próprio profissional de educação física, uma vez que podemos vincular o conceito do professor, a forma como trabalhar e a visão sobre a inclusão com a sua formação universitária.
Anexo I: Questionário
Nome:_____ Idade____ Ano de Formação_____
1) O que é educação física inclusiva?

2) Na sua opinião existe diferença entre inclusão e integração? Explique:

3) Quais obstáculos nas aulas de educação física para pessoas com necessidades especiais?

4) De todos os obstáculos, qual o maior?

5) Houve em seu ensino superior um curso/matéria para capacitação de inclusão de alunos com NEE? Se sim, foi o suficiente para te auxiliar a empregar a inclusão desse público? Se não, fez algum curso para poder atendê-los?

6) Existe em sua instituição de ensino, reuniões de professores em pró da inclusão e métodos sobre a facilitação de desenvolvimento das salas e recepção de alunos com NEE? Qual a importância desse tipo de iniciativa?

7) Quais são esses métodos?

8) Quais atividades que você utiliza para trabalhar a inclusão?

REFERÊNCIA
Celina L. R. Martins - Educação Física inclusiva:Atitudes dos Docentes-Porto Alegre, v.20, n2, p.637-657, abr./jun. de 2014

Flávia M. Ferreira, Jocimar Daolio- Educação Física Escolar e inclusão: Alguns Desencontros- Revista Kinesis, ed.32 vols. 2, jul./dez. de 2014, Santa Maria.

Romeu K. Sassaki- Nada sobre nós: Da integração á inclusão – Revista Nacional de Reabilitação, ano x, N57, jul./ago.2007, p. 8-16.

Greicy K.P de Souza, Elvio M. Boato- inclusão de Alunos com Necessidades Especiais Nas Aulas De Educação Física do Ensino Regular: concepção, Atitudes e Capacitação dos professores –curso de Educação Física da Universidade Católica de Brasília.

Márcia D. Pletsch, A Formação de Professores Para a Educação Inclusiva: Legislação, Diretrizes Política e Resultados de Pesquisa, Edu. Rev. N33, Curitiba, 2009.

João S. Aguiar, Édison Duarte- Educação Inclu-

siva: Um estudo na área da Educação Física-ver. Bras. Ed. Esp. Marília, Mai- ago.2005, V.11, n2, p.223-240.

Ruth Eugenio e Cidade e Patrícia Silvestre Freitas- Educação Física e inclusão, considerações para prática pedagógica ma escola/ ver integração 2002

Rosita Edler Carvalho- termos em Educação Especial, Editora WVA 1998.

Soler, Reinaldo. Educação Física inclusiva na Escola: EM busca de uma Escola Plural 2° ed Rio de Janeiro: SPRINT,2009.

Dulce Vicentina de Souza – As contribuições da Educação Física para o processo de inclusão no ensino regular programa de Pós- Graduação em processo de desenvolvimento humano e saúde PGPDS – Universidade de Brasília – UNB- 2011.

Senado Federal. Constituição Federal de 1988.
Seabra Junior, Luiz. Inclusão, necessidades especiais e educação física considerações sobre a ação pedagógica no ambiente escolar. 119f. 2006. Dissertação Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de). Campinas, Campinas, 2006
Jocimar Daolio, Educação física escolar: em busca da pluralidade, Rev.paul. educ. fis., São Paulo, supl 2, p.40-42, 1996
Irene C. Rangel-Betti, Mauro Betti, Novas perspectivas na formação profissional em educação física, Motriz, vol 2, número 1, junho 1996
Izabella Mendes Sant'Ana, Educação Inclusiva: concepções de professores e diretores, Psicologia em Estudo, Maringá, v.10, n.2, p.227-234, mai/ago. 2005